

AMOR DE NUNCA MAIS
PEÇA EM 1 ACTO
de VITORINO NEMÉSIO

Projeto de Edição

Chloé Pereira

Trabalho de Projeto
de Mestrado em Edição de Texto

Março de 2018

AMOR DE NUNCA MAIS
PEÇA EM 1 ACTO
de VITORINO NEMÉSIO

Projeto de Edição

Chloé Pereira

Trabalho de Projeto
de Mestrado em Edição de Texto

Março de 2018

Trabalho de Projecto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto realizado sob a orientação científica de Luiz Fagundes Duarte.

Ao professor Luiz Fagundes Duarte, o meu orientador, o meu mais sincero agradecimento por me ter dado a oportunidade de trabalhar sobre este projeto de edição tão fascinante. A sua sabedoria, sua disponibilidade e sua ajuda foram os meus guias ao longo desta viagem editorial.

À minha mãe, minha irmã, e Benoît, pela vossa presença, motivação e o otimismo em qualquer situação. Juntos vencemos muitas batalhas.

Aos meus avós que me repetiram durante vinte-seis anos que o mais importante era trabalhar bem na escola para ser feliz na vida. Agradeço o conselho, simples mas que significava tudo para eles. Obrigada por terem sempre acreditado em mim.

RESUMO

O escritor Vitorino Nemésio (1901-1978) publicou apenas uma obra de teatro – a peça em um acto *Amor de Nunca Mais* (1920) –, que nunca mais foi reeditada nem sequer referida pelo autor. Tratando-se de uma obra de juventude, pouco posterior a *O Marinheiro*, de Fernando Pessoa (1915), e contemporânea de *Antes de começar* (1919), de Almada Negreiros, esta peça de Nemésio, que foi editada em Angra do Heroísmo, e ali representada pela primeira vez, nada tem a ver com o que à época se ia passando no meio cultural português, nem sequer tem a ver com a realidade açoriana que foi um dos temas centrais de toda a obra literária do autor, consistindo mais numa peça «de sociedade», ao gosto da burguesia local. Porém, por se tratar de uma obra de um dos principais escritores portugueses do século XX, a sua reedição justifica-se, sendo pela primeira vez integrada numa edição da Obra Completa de Vitorino Nemésio em curso pela Imprensa Nacional e a Companhia das Ilhas.

PALAVRAS-CHAVE : Nemésio, Vitorino; Teatro; Amor de Nunca Mais; Edição de Texto; Reedição; Trabalho de Projeto.

ABSTRACT

The writer Vitorino Nemésio (1901-1978) only published one play – the one act play *Amor de Nunca Mais* (1920) – that has never been republished nor referred by the author. Being a youth work, a bit after Fernando Pessoa's *O Marinheiro* (1915) and contemporary with *Antes de Começar* (1919) by Almada Negreiros, this Nemésio's play, published in Angra do Heroísmo and there represented on stage for the first time, has nothing in common with what was happening in the Portuguese cultural environment, or with the Azores reality which has been one of the biggest inspirations in the whole author's literary work. This play is more of a « society » representation, for the bourgeois society entertainment. The reprinting of the oeuvre is justified by being from one of the main Portuguese authors from the 20th century, being for the first time part of an edition of the entire Nemésio's work, « Obra Completa », by Imprensa Nacional and Companhia das Ilhas.

KEY WORDS : Nemésio, Vitorino; Theatre; Amor de Nunca Mais; Text publishing; Reprinting; Project Work.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
SOBRE O AUTOR.....	9
A PEÇA <i>AMOR DE NUNCA MAIS</i>	15
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	19
O TEXTO	21
EDIÇÃO	23

INTRODUÇÃO

A peça *Amor de nunca mais* é a única obra do género dramático da autoria de Vitorino Nemésio, publicada por uma pequena editora de Angra do Heroísmo (Tipografia Andrade), em 1920, e representada no Teatro Angrense pela primeira vez no dia 26 de Março de 1920 pela companhia do ator Carlos de Oliveira do Teatro São Luís. Não se tratando de uma obra que possa colocar-se ao nível da restante obra literária do autor, *Amor de nunca mais* merece no entanto ser reeditada agora – quase um século depois da sua primeira e até agora única edição –, integrada num projeto de publicação das obras completas do autor, numa co-edição da Imprensa Nacional (Lisboa) e da Companhia das Ilhas (Lajes do Pico), com coordenação de Luiz Fagundes Duarte.

O trabalho que se segue tem por objectivo a preparação do texto para a nova edição.

SOBRE O AUTOR

Vitorino Nemésio Mendes Pinheiro da Silva (Praia da Vitória, 1901 – Lisboa, 1978) foi poeta, romancista, cronista, ensaísta, professor, investigador e filólogo. É conhecido sobretudo pelo romance *Mau Tempo no Canal* (1944), considerado um dos mais importantes da literatura portuguesa do século XX e galardoado com o Prémio Ricardo Malheiros, da Academia das Ciências de Lisboa. O autor também recebeu o Prémio Nacional de Literatura, em 1965, e o Prémio Montaigne, atribuído pela Fundação Freiherr von Stein / Friedric von Schiller, em 1974. Além de ser um dos maiores poetas e romancistas portugueses do século XX, Nemésio foi também um homem da rádio e sobretudo da televisão, onde apresentou, entre 1969 e 1975, o famoso programa *Se bem me lembro* em que versava, sobretudo, cultura e arte.

Tendo desempenhado diversas funções ao longo da sua vida, esta foi feita também de viagens e desafios. Foi assim que se tornou leitor em Montpellier, professor em Bruxelas, bem como na Bahia e no Ceará, e participou em conferências e congressos

pela Europa. Dessas viagens, que lhe permitiram contactar com diversas culturas, Nemésio ganhou novas referências, e adaptou-se às línguas com que ia interagindo. Mais do que profissionais, as suas experiências no estrangeiro foram poéticas e culturais, tendo homenageado sempre, na sua obra literária, os lugares por onde passava e as línguas e culturas com que ia contactando. Foi assim que publicou *La voyelle promise*, em 1935, um conjunto de poemas escritos diretamente em francês, ou *O segredo de Ouro Preto e outros caminhos* (1954), onde plasmou os termos, as expressões e as construções sintáticas do português do Brasil.

Portador de uma luso-brasilidade que defendia nos seus escritos, como uma digressão intelectual do poeta pela cultura brasileira, fundou e dirigiu o Instituto de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Na sua obra literária era o porta-voz da cultura e da identidade açorianas, manifestando uma profunda saudade das ilhas, e dava ao leitor uma imagem dele próprio como sendo um autor introvertido, fechado, ao contrário do que era a sua vida, feita de viagens pelo mundo à descoberta de novas culturas e novas inspirações. A sua maior inspiração sempre foram os Açores, a sua condição de ilhéu e a pertença a essa cultura.

A sua poesia foi publicada, por escolha própria, em sete coletâneas, que podem ser divididas, segundo J. Martins Garcia¹, em dois ciclos distintos: o primeiro é o da *açorianidade*², da saudade das ilhas que o viram nascer; o segundo é o ciclo existencialista do autor, com perguntas sobre a vida e a morte, entre outras. O ciclo que mais nos interessa é o primeiro, que começou com os seus primeiros poemas publicados em *Canto Matinal* (1916), quando ainda vivia nos Açores. Muito jovem e longe das realidades artísticas de Portugal continental e da Europa em geral, esta obra apresenta poemas que seguem, na maioria, a métrica clássica, sonetos em alexandrinos. Os temas abordados são os de um ilhéu que tem como horizonte o céu e o mar, pois faz muitas referências à cor azul, ao mar, à Lua, ao Oceano, grafados com maiúsculas. A sua escrita muito descritiva ajuda o leitor a visualizar a grandeza daquilo que o rodeia, e a ouvir o “silêncio” da brisa do mar, das ondas contra a rocha. Dá lugar aos quatro elementos: a

¹ GARCIA (1978).

² O termo *açorianidade* foi por ele criado em 1932 num artigo (NEMÉSIO, 1932) em que descreve o seu sentimento de pertença e ligação aos Açores.

Água do Oceano representa o seu horizonte; a Terra é representada pelas flores, plantas e verduras das quais fala; o Fogo, dito « eterno », está presente na Terra; e o Ar, representado pelo vento que rompe o silêncio e a solidão. Visualizamos com as suas palavras a fúria dos elementos frente à morte, percebemos a sua fé na religião, e sentimos a brisa do mar nas descrições de numerosas noites estreladas que ele nos oferece.

Na segunda coletânea, *A Fala das quatro flores*, publicada em 1920, a mais contemporânea da nossa peça de teatro *Amor de nunca mais*, encontram-se ainda ecos de um romantismo muito descritivo e hiperbólico. O naturalismo do qual usa para falar de cada flor está relacionado com os sentimentos que o autor sente, ou seja o amor, mais precisamente o amor proibido, a saudade, os medos, com referências outra vez à religião. Dizia Vitorino Nemésio, em 1946, que Almeida Garrett tinha sido o primeiro escritor português a exprimir matizes sentimentais com um vocábulo requintado, e nos ensinara que « um estrangeirismo [podia] ser português quando vivo » – ensinamento que o nosso autor aplica ao longo de toda a sua obra, inclusive na sua peça de teatro, onde mistura à perfeição estrangeirismos (em francês e inglês) ao seu texto em português, utilizando palavras e expressões como *causeuses*, *cotillons*, *vient-de-paraître* ou ainda *dansing*, além de expressões em latim que aumentam o grau de intelectualidade do diálogo.

Quando interrogado sobre as suas publicações juvenis, o autor só referia duas obras, *Canto Matinal*, o seu primeiro livro de poemas publicado em 1916, aos quinze anos, e *Nave Etérea*, que publicou em 1924 quando já se tinha instalado em Portugal continental, qualificando o resto dos seus escritos, poemas, folhetos, pequenas publicações em jornais, « sem critério » e ainda « precipitado »; com efeito, no ensaio «Da Poesia», que fez para servir de prefácio ao volume *Poesia 1935-194*)³, Nemésio apenas refere

«dois livritos não propriamente precoces, senão precipitados: *Canto Matinal* (1916) e *Nave Etérea* (1923). Destas coisas que se estampam no ímpeto da adolescência, sem critério. *Nugae* — como dizia Petrarca»,

³ NEMÉSIO (1961).

ignorando, o folheto *A Fala das Quatro Flores* (1920), o conjunto *Sonetos para Libertar um Estado de Espírito Inferior* (publicados em 1930 na revista *presença*, n.º 29), bem como um pequeno número de poemas publicados dispersamente, entre 1922 e 1930.

No meio dessas obras poéticas, e além dos romances que escreveu e publicou ao longo da sua vida, Vitorino Nemésio tinha sempre projetos de novos escritos, muitas vezes anunciados em publicações, como é o caso de *Amor de nunca mais*, onde indicou duas obras « em preparação » e uma « A publicar »: *Névoas* e *Fatálias*, poesias e romance, respectivamente, que nunca chegaram a ser escritos, ou pelo menos não foram publicados sob aqueles títulos.

Quando chegou a Portugal continental em 1921, Nemésio retomou a sua escrita, criação de poemas e romances, de modo a demonstrar as suas origens, a sua açorianidade, transcrevendo literalmente a fala açoriana na sua poesia e em alguns textos de ficção – uma maneira de guardar as suas raízes e exprimir a saudade que sentia. Diz, por exemplo, sobre a colectânea de contos *Paço de Milhafre* (1924) que os escreveu « numa espécie de transe, possesso da saudade da ilha ». De facto, neles usou de formas linguísticas dialectais para representar a sua realidade, o que tinha nele e o que tinha deixado atrás. Algumas personagens e acontecimentos presentes nas suas obras foram inspirados na sua vida pessoal e em figuras populares da Ilha Terceira que conheceu ou com quem conviveu.

Na altura em que a geração da *presença* estava a revolucionar a literatura nacional e a arte em geral, Vitorino Nemésio distanciou-se dos seus colegas autores e reivindicou a sua diferença, embora tenha publicado nesta revista, em 1930, os seis *Sonetos para Libertar um Estado de Espírito Inferior*. Na sua fase de juventude, o nosso artista é a negação dos discursos presencistas, é conservador, convencional, e, até certo ponto, não inovador. Foi um poeta independente, ao contrário dos seus contemporâneos Almada Negreiros, José Régio ou ainda Adolfo Casais Monteiro, inspirados na revista *Orpheu* e no *Modernismo* criado com ela.

Nemésio faleceu em fevereiro de 1978, em Lisboa, e foi sepultado em Coimbra. Recebeu, a título póstumo, a Grã Cruz da Ordem Militar de Sant'iago da Espada, que

distinga o mérito literário, científico e artístico. O seu último livro, *Caderno de Caligraphia e Outros Poemas a Marga*, que deixou parcialmente pronto, apenas viria a ser publicado em 2003.

A PEÇA AMOR DE NUNCA MAIS

A única peça de teatro da autoria de Vitorino Nemésio, *Amor de nunca mais*, foi também uma das suas primeiras obras, e a primeira fora do género da poesia. O autor só tinha dezanove anos quando publicou esta peça de teatro em um acto, representada pela primeira vez no Teatro Angrense, nos Açores, na mesma altura. Apesar de Nemésio ainda se encontrar nos Açores no momento da sua publicação, não há nesta peça, e ao contrário do que se passa na poesia e na ficção, nenhuma referência ao arquipélago: curiosamente, quando os Açores e os seus tesouros eram a sua maior fonte de inspiração para a poesia, o autor distanciou-se daquilo tudo quando assumiu o papel de dramaturgo – durante umas poucas páginas.

Amor de nunca mais não se assemelha a nada do que Nemésio escrevia na altura, nem àquilo que se fazia em Portugal, e é talvez por isso que nunca mais foi reeditada, nem se conhecem referências do autor a ela.

O teatro de Vitorino Nemésio, de formato convencional, respeita perfeitamente o esquema do teatro grego, ou seja, obedece aos critérios clássicos com unidade de tempo, lugar e acção, e segue os passos de Almeida Garrett que, no século XIX, mostrou a vontade e a importância de criar um teatro nacional, muitas vezes inspirando-se no que se fazia em França em registos românticos e realistas. Assim, o jovem Nemésio usou de um português culto, convencional, num estilo de teatro sem preocupações políticas, estéticas ou outras, ao contrário dos seus contemporâneos Fernando Pessoa ou Almada Negreiros, citando só eles.

Em 1920, quando ainda não tinha saído da sua ilha natal e o que se passava no continente estava a milhas do seu alcance e conhecimento, limitou-se a seguir, no que diz respeito a esta peça de teatro, os exemplos que tinha ao seu dispor: escreveu uma peça de teatro de sociedade, cheia de naturalismo e sentimentalismo, imitando o estilo francês do século XIX, tal como já tinham feito os dramaturgos portugueses do século XIX, com cânones já então desatualizados. Mas, a partir da implantação da República (1910), o teatro nacional começava a evoluir, no sentido da modernidade, embora, como

afirma António José Saraiva, representasse « a negação dos discursos dos presencistas »⁴, já eles numa era de modernismo e revoluções literárias.

Efetivamente, na mesma altura, José de Almada Negreiros publicava uma peça de teatro em um acto, *Antes de começar* (1919), que apresenta um diálogo entre dois bonecos, eles mesmo marionetas de teatro para crianças. Essa peça de teatro dentro de outra peça era representativa do estilo futurista e moderno da geração da *presença*. Fernando Pessoa, por seu lado, já publicara, cinco anos antes, a sua única peça de teatro, *O Marinheiro*, na revista *Orpheu* (1915), onde encontramos três personagens numeradas, fora do espaço e do tempo, dialogando num sonho que não se sabe se realmente é sonho. Essas personagens foram criadas pelo autor numa vontade de “sensacionismo”, hoje consideradas talvez como as primícias dos seus heterónimos, todos diferentes formando afinal um só ser.

Os dois números da revista *Orpheu* tinham sido publicadas cinco anos antes da obra de Nemésio, inaugurando uma nova era da literatura nacional. O famoso *Manifesto Anti Dantas* (1915), de Almada Negreiros, publicado no mesmo ano, ficou a marcar a forte oposição dos modernistas aos modelos e figuras convencionais representados por Júlio Dantas – com os quais, mais do que com os dos modernistas, esta peça de Nemésio mais se aproximava.

O teatro moderno em geral tinha evoluído desde a sua criação, por Almeida Garrett, e a sua renovação pela Geração de 70 sobretudo, como dito acima, desde a proclamação da República e a reestruturação do ensino da arte dramática no Conservatório Nacional, que foi um dos mais avançados da Europa com a criação e autonomização da Escola de Arte de Representar (1914). Mais tarde, com o Armistício de 1918, e na sequência da desagregação da sociedade burguesa ocorrida durante a Grande Guerra, chegou à arte teatral portuguesa uma nova cena, com novos autores, novos temas, mas também um novo público. O género do drama era o mais representado, por meio dos dramas históricos, regionais, rurais e de costumes, mas o naturalismo, bem que atualizado, continuava popular.

Os dramaturgos contemporâneos de Vitorino Nemésio em Portugal eram, citando apenas alguns, Jaime Cortesão, Vitoriano Braga, Ramada Curto ou Carlos

⁴ SARAIVA e LOPES (1979).

Selvagem, que abordavam temas e estilos bem diferentes. Porém, todos procediam a uma análise lúcida da sociedade portuguesa e da sua decadência, da decomposição social, ironizando muito sobre os burgueses e abordando temas considerados como escandalosos para os valores burgueses da época. Falava-se de religião, de problemáticas existenciais sobre a vida e a sua utilidade, de temas fracturantes como a homossexualidade, ou da solidão – em peças monologais ou tragicómicas.

As evoluções e preocupações, políticas ou outras, do teatro do século XX não chegaram até Vitorino Nemésio que, em *Amor de nunca mais*, segue com os cânones clássicos e já então desatualizados, sem inovação estilística da sua parte. As poucas personagens parecem todas de boa sociedade, aparecendo em bailes e com um criado ao seu dispor, com preocupações mais “fúteis” sobre o amor e as mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DO AUTOR:

- NEMÉSIO, Vitorino (1920). *Amor de nunca mais. Peça em 1 Acto*. Angra do Heroísmo: Livraria Editora Andrade.
- (1916). *Canto Matinal*. In NEMÉSIO (2006).
- (1920). *A Fala das Quatro Flores*. In NEMÉSIO (2006).
- (1922). *Nave Etérea*. In NEMÉSIO (2006).
- (1924). *Paço do Milhafre*. Edição de Urbano Bettencourt. Obras Completas de Vitorino Nemésio, VII. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002.
- (1930). *Sonetos para Libertar um Estado de Espírito Inferior*. In NEMÉSIO (2006).
- (1932). «Açorianidade». Revista *Insula*, n.º 8, Ponta Delgada.
- (1935). *La voyelle promise*. In NEMÉSIO (2006).
- (1944). *Mau Tempo no Canal*. Edição de José Martins Garcia. Obras Completas de Vitorino Nemésio, VIII. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994.
- (1954). *O segredo de Ouro Preto e outros caminhos*. Edição de Margarida Maia Gouveia. Obras Completas de Vitorino Nemésio, XV. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.
- (1961). «Prefácio: Da Poesia». *Poesia 1935-1940*. In NEMÉSIO (2006).
- (2003). *Caderno de Caligraphia e Outros Poemas a Marga*. Edição de Luiz Fagundes Duarte. Obras Completas de Vitorino Nemésio, III. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- (2006). *Poesia. 1916-1940*. Edição de Luiz Fagundes Duarte. Obras Completas de Vitorino Nemésio, I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

BIBLIOGRAFIA PASSIVA:

FRANÇA, José Augusto (1991). *A arte em Portugal no século XX, 1911-1961*. Lisboa: Bertrand Editora.

GARCIA, José Martins (1978). *Vitorino Nemésio: a obra e o homem*. Lisboa: Arcádia.

GOUVEIA, Margarida Maia (2001). *Vitorino Nemésio e Cecília Meireles: a ilha ancestral*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida.

REBELO, Luiz Francisco (1968). *História do Teatro Português*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1989. 4.^a edição, revista e actualizada.

SARAIVA, António José (1961). *História da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Publicações Europa-América. 8.^a edição.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar (1979). *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora. 11.^a edição, corrigida e actualizada.

O TEXTO

Quatro personagens dão vida a esta peça de teatro: dois homens burgueses, Jorge e Luís, intelectuais burgueses, habituados à vida mundana; uma mulher do mesmo meio social, Clarisse, que conheceu o Jorge num baile; e o criado de Jorge que faz uma rápida aparição. Ao longo da peça, percebemos os sentimentos de Jorge para com Clarisse, apaixonado por ela desde a noite em que a conheceu, esquecendo-se até da sua atual noiva, Laura. Confessa o seu mal-estar por se encontrar longe da sua amada ao seu amigo Luís, que defende a pobre Laura e condena o seu comportamento infantil. Quando chega a Clarisse, introduzida pelo criado, no meio dos dois amigos, Luís decide retirar-se do enredo e deixa o lugar a uma viva conversa entre os dois amantes, que acaba por um adeus, um « nunca mais », depois da decisão de Clarisse de guardar o silêncio sobre a relação que os uniu o tempo de uma noite e retomar a sua vida junto do homem com quem estava comprometida. O enredo é feito de promessas de amor, corações partidos e amigos que nem sempre são fiéis, num ambiente que mimetiza o da sociedade burguesa do início do século XX.

Nemésio utiliza estrangeirismos (em francês e inglês) com alguma frequência, ao gosto da época e do nível social das personagens, de onde ressaltam palavras como *causeuses*, *cotillons*, *vient-de-paraître* ou *dansing*, e ainda expressões em latim.

Foi utilizado como texto de base o da primeira e única edição da obra (1920), um folheto de 38 páginas, com as dimensões de 20cm x 10cm, adequado para manuseio pelos atores e técnicos. Desprovido de capa, o folheto apresenta, na folha de rosto, o nome do autor na parte superior, o título da peça em caracteres maiores, a descrição desta e, na parte inferior da folha, as informações sobre a livraria editora; esta informação é repetida na página 3. O papel é frágil, hoje amarelado, mas a tinta, de boa qualidade, não envelheceu e continua bem legível. Sabe-se que foi feita uma tiragem de três exemplares do texto em papel Whatman⁵, « numerados e rubricados pelo autor ».

A ortografia foi atualizada segundo as Bases do Acordo Ortográfico de 1990, e corrigidas algumas pequenas gralhas, como “vien-de-paraître” por “vient-de-paraître”.

⁵ Papel de qualidade superior, feito de celulose de algodão, puro e mais pesado.

EDIÇÃO

AMOR DE NUNCA MAIS

PEÇA EM I ACTO

REPRESENTADA PELA PRIMEIRA VEZ NO TEATRO

ANGRENSE, NA NOITE DE 26 DE MARÇO

DE 1920, PELA COMPANHIA

DO ATOR CARLOS DE OLIVEIRA,

DO TEATRO S. LUÍS

A Minha Mãe.
A Meu Pai.

PRÓLOGO

(Que se não diz em cena)

A peça que ides ler é um mero ensaio, como técnica. Para os crentes no mito sofócleio, parecerá, por isso mesmo, falha de situações e exígua de entrecho. Não lhe preparei movimento, teatro, afinal, — primeiro, pelo parco conhecimento do segredo das gambiarras; segundo, pela quase vertigem em que a lancei, a vertigem íntima e vagamente dolorosa dos três dias em que teve de ser dedada a *maquette* de duas almas. O intuito está no conceito de Sienkiewicz: devo dizer com sinceridade a minha tragédia. Drama sincero de temperamentos, drama de corações, dos vários que todos temos, ele passa hesitando, recordando. É ainda a saudade orvalhada e roxa das violetas, na incerteza do amor oculto e triste, — amor de nunca mais.

PERSONAGENS

Jorge	<i>Manuel Correia</i>
Luís	<i>Artur Sá</i>
Criado	<i>José dos Santos</i>
Clarisse	<i>Elvira Vellez</i>

Actualidade

AMOR DE NUNCA MAIS

A cena representa um gabinete, sóbrio, de intelectual. Secretária. Estante. Sofá. Causeuses. Quadros e estatuetas de autor. Livros e papéis em desordem. Ao F., janela aberta sobre a noite, por onde se adivinha um vago luar ansiado. Sobre a secretária, uma faiança com violetas. Luz coada, de lucubração.

Ao subir do pano, Jorge, que tem estado a escrever, interrompe-se numa concentração de tristeza e lembrança.

JORGE

como que despertando, só

E sempre a imagem dela a obsidiar-me... Sempre o seu rosto de dolorosa aparição... Apesar de tudo, sei que preciso esquecê-la, renunciar às ilusões que acastelei e que a enlearam para uma vida que não poderemos viver.

Outro tom

Mas preciso-a, quero-a! Exigem-na os meus nervos exaltados, meu coração perdido de emoções. Possuí-la ou aniquilar-me, — eis o dilema. Para isso hei de lutar sem tréguas, bater-me sem desfalecimentos. Todavia, os inimigos são tantos... As conveniências, o preconceito, o impossível! Vai talvez faltar-me a coragem...

LUÍS

que entra e surpreende as últimas palavras

Para a conquista do amor? Um cavaleiro como tu não afrouxa.

JORGE

levantando-se e atentando no amigo

Sempre misterioso, este Luís. Intrigas-me deveras.

Censurando

Olha que se não assalta assim impunemente uma criatura indefesa como eu!...

LUÍS

conformado

Seja! *Mea culpa!* Mas não queres explicar-me esse ar abatido com que vens à festa?

Sublinhando

Essa *falta de coragem* rescendendo a delíquios de Romeu?...

JORGE

aquiescendo

Esta maldita papelada...

Aponta para os originais sobre a secretária

Esta vida de grilheta, de condenado às galés do pensamento. Parece que devias atingir o sentido da minha frase. Impotência... desespero ante a perfeição inatingível... Nada mais.

LUÍS

com um monossílabo de dúvida

Aí há melodrama. Uma indecisa história duma determinada beldade irresistível... Uns olhos negros e fatais talvez... Ah! Meu pobre poeta, meu derrancado menestrel apaixonado...

JORGE

repreensivo

Zombas!

LUÍS

Não. É uma diagnose positiva. Conheço-te de sobra para notar que estás outro, que mudaste muito desde o nosso último contacto. O contrário seria duvidar da minha psicologia. E, como sabes, eu sou um observador profundo. Depois, sei das coisas e dos homens o que Salomão ignorava...

JORGE

resoluto

Pois bem. Sim... Eu não devo ocultar-te nada, meu amigo. Basta de disfarce.

Hesitando

Mas...Prometi, jurei ser discreto, esconder no recesso da alma ferida este amor proibido... E no entanto não posso... Confidências... Eu careço um confidente. Sê-lo-ás. A minha ingratidão havia de doer-te. A reserva contunde.

LUÍS

Enganas-te, Jorge. Quando o teu caso fosse assim supremo, como o julgo, a suscetibilidade bateria a outra porta. Eras o único ofendido, porque então só haveria o meu desrespeito pela tua dor. Cala-te. Não profanes o teu sonho. Guarda-o bem. Pertence-te, — a ti e a quem o entreteceu da ternura que deixas transparecer. Eu não seria mais que o intruso, e quero-me noutro papel mais grato.

JORGE

decidido

Embora! Tinha de ser. *Scripti erat*. Ouve-me. Tu estiveste este ano nos serões do *Dansing*?

LUÍS

Estive.

JORGE

Conheceste aquela rapariga que o Carlos me apresentou para o *cotillon*?

LUÍS

A noiva do Vasconcelos, a Clarisse?

JORGE

Perfeitamente.

LUÍS

surpreso

Mas...

JORGE

Escuta-me. Eu tinha rompido com a Laura. Uma questão de fastio da minha parte, uma questão de nervos... A Laura não tem espírito. Depois, — ciumenta, banal, incrível!

LUÍS

Vê lá não exageres... Eu defendo as repudiadas.

JORGE

Não. É bem assim. Convivi muito com ela, para que possa dar com justeza a medida do seu temperamento. Fartei-me! Continha-me, porém. Não sei porquê... O receio da maledicência... Uma porção de piedade pela sua dedicação absoluta... Entretanto, o tédio crescia. Fazia esforços inacreditáveis para que ela o não notasse. Compreendes a situação duma mulher que se sente constrangidamente amada, por dever, quase por profissão...

LUÍS

Sim... O amor-próprio ferido...

JORGE

Um dia, busquei um pretexto. Deflagrei. Incompatibilizámo-nos. Sabes a história...

LUÍS

Vagamente...

JORGE

Contei-a à Clarisse, na primeira volta de valsa.

LUÍS

condoído

Infeliz pequena! A vítima inocente das tuas loucuras! E se soubesses como a pobre Laura te quere... Adora-te... És o seu ídolo, o seu tudo...

JORGE

Sei-o.

LUÍS

E o remorso? Não te sentes contrito?

JORGE

Não posso. Eu não devo sacrificar-me em troca da mística consolação duma obra pia. Convirás que é muito primitivo. *Ancien régime* e pouco humano.

LUÍS

Perverso!

JORGE

Diz antes: razoável. Mas deixa-me acabar. A Clarisse ouviu-me, religiosamente. Nem um dito indulgente, nem um comentário favorável para a Laura, se pronunciou. Era um acordo tácito.

LUÍS

E que ideia fizeste de tão cínica interlocutora?

JORGE

Se me tinha conquistado... Eu podia lá julgá-la como tu!

LUÍS

Concluístes, então...

JORGE

Que penetrara as minhas razões. Ela própria me disse: — «A Laura não o merece, e eu não compreendo como o senhor a tolera.»

LUÍS

Espantoso!

JORGE

Fizemos um pouco de ironia...

LUÍS

Como quem faz música ou literatura, ao *pizzicato* cálido duma valsa... Compreendo. Havia talvez violinos... Morbidezas de Chopin...

JORGE

Que sarcástico Tristão das Damas me saíste!

LUÍS

Das renegadas, das esquecidas injustamente como a tua. E prezo-me da armadura e do arnês, fica sabendo.

JORGE

És injusto.

LUÍS

Não. Sou piedoso. Mas, continua. Quero medir bem o abismo da tua maldade.

JORGE

Dançámos, falámos muito. O serão era *costumé*, e — recordas-te? — ela trajava de criança. Cabelos soltos, aos cachos, um quê de ingenuidade no sorriso, um clarão de candura no olhar.

Num êxtase

Ia divina, a enorme criança... Junto dela, sentia-me pueril também. Parecia que os dez anos me voltavam, com os seus idílios, com as suas travessuras... Foi um capricho de artista, o meu símbolo.

LUÍS

Um bizantinismo de D. Juan, dirás melhor.

JORGE

Às vezes, fitávamo-nos longamente. Ela mostrava comiserar-se de mim. A sua meiguice alagava-me todo, e eu sentia que a sua beleza esquisita, a sua beleza capitosa de hetaira me levaria muito longe, numa vertigem de loucura e de perfume...

LUÍS

mordente

Como estás precioso, meu poeta!

JORGE

Não. O vocábulo é pálido, a expressão esmorece e nada diz da comoção extreme desse minuto sublime.

Numa evocação

Ah! Se adivinhasses... Se soubesses...

LUÍS

céptico

Ora! Uma impressão passageira... O efeito da música simplesmente... Nada mais...

JORGE

lamentando

Antes fora...

LUÍS

Teimas em agrandar as proporções! Meia hora de intercâmbio espiritual sobre o último *vient de paraître*, estarás curado.

Preparando-se para sair

Respondo eu por isso. Vem daí!

Tenta furtá-lo à revelação
Jorge obstina-se

Piegas que tu és!

JORGE

renitente

Inútil, meu amigo. Eu não saio. E já que interrogaste a esfinge, a esfinge vai falar.

LUÍS

resignado

Cedo. Todavia, vais prometer uma coisa...

JORGE

Diz.

LUÍS

Arrancarás as barbaças da tragédia. Que diabo! A Clarisse é uma mulher vulgar. Tu, — um homem superior. Amaram-se? Talvez... Um *flirt* dos que o *Dansing* é pródigo. Uma aventura sem consequências, a não ser essa gripe romântica que te prostra. E no entanto o teu conto é de *outrance*. Pasma-se de ouvi-lo. Depois... atenta no que de funesto pode advir dessa doidice.

Repreensivo

Estouvado! Pois não vês a tua situação... a situação dela?...

JORGE

Por isso mesmo. As nossas condições desesperam. O ambiente é propício para se fazer deste amor uma grande desgraça... E tu sabes melhor do que ninguém como a minha sensibilidade necessita de coisas assim intensas... assim ferozes... Preciso retumbar.

LUÍS

Tem cautela com o estoio do ridículo. Não vejo outro...

JORGE

Evita-se.

Impaciente

Mas... Tanto tempo perdido em dislates!... Essa eterna mania de me contrariar!

Desiludido

Deixá-lo! Todos o mesmo. O pior é que eras um farol no meu naufrágio. Apagaste egoistamente ao meu anseio, ao meu frenesim, à minha desorientação... És como os outros.

Com amargura

Não és meu amigo, Luís... Incompreendido sempre!

LUÍS

Acalma. Não tens razão para duvidar de mim. Fala! Talvez transija...

JORGE

Nunca! Eu não pretendo aliciar-te. Apenas quero que te disponhas a penetrar a minha fatalidade, a chorar um pouco comigo a grande ilusão de retê-la, desfeita talvez para sempre...

Exaltado

Oh! Enlouqueço! De raiva, de amor, de impotência...

Com desânimo

Nunca a terei... Nunca!... Jamais poderei sentir, — misérrimo que sou, — o mistério do seu corpo no descalabro do meu, a beleza da sua alma na tibieza da minha... Sim... Porque eu não escondi a ferida aos seus olhos supremos de bênção. Falávamos ainda da Laura. Fui cruel, enorme de ironia! Disse tudo quanto uma mulher bonita nos pode inspirar duma feia.

Recordando

Na valsa havia um *ralentando* muito triste... Calei-me. No rosto dela notei uma grande névoa de carinho... Foi então quando a sua voz cantou: «— E não ama outra,

Jorge?». Tremi. O seu cabelo aflorou a minha fronte num beijo... As nossas mãos apertaram-se muito... «— Emudece?», voltou ainda. Tive então esta frase: «— A Clarisse compreende a eloquência do silêncio...»

LUÍS

Criança!

JORGE

Nunca o fui tanto como nessa noite, e por isso talvez nunca amassa como então...

CRIADO

entrando, anuncia

Uma senhora que deseja falar a V. Ex.^a

JORGE

E é?...

CRIADO

Não me disse o nome. Procurou bilhetes de visita, — não os encontrou. Eu então decidi-me a vir procurar V. Ex.^a. Mando entrar?

LUÍS

para Jorge

Alguma importuna e assídua leitora dos teus versos.

JORGE

Que maçada!

CRIADO

linguareiro

Lá isso... não me parece... Tem um ar altivo e uns lindos olhos! Parece nervosa. Traz decerto qualquer coisa que a preocupa.

Perfila-se, esperando ordens

LUÍS

Sim...

Consulta o relógio.

A esta hora... Excitação... Os bilhetes que ficam em casa... Muito sintomático. Temos cliente cardíaca. A matéria atrai a matéria...

Outro tom, Para Jorge

Mas, olha lá. Com certeza que lhe não dás cura, meu Esculápio falido. Manda-a ao meu consultório.

Indicando

Fica ali, no *bedroom*, vagamente...

Indo a sair

Não serei eu quem vos estorve.

JORGE

retendo-o

Fica.

Para o criado

Conduz aqui essa desconhecida.

O criado veneia e sai.

Eu devo estar muito obtuso. Tu és sempre cintilante, e já agora não vale espantar a caça, se caça é.

LUÍS

Persisto em retirar.

Saindo

Até breve.

JORGE

só

Mas que estranha dama será esta, tão pouco discreta, que me visite?! Se estivéssemos no Carnaval, diria que se tratava dalguma destas viseiras rubras e fatais... Receio comprometer-me. Esta exaltação!... Estes malditos nervos!

CLARISSE

entrando, cumprimenta

Senhor Jorge.

JORGE

perplexo

Clarisse! A senhora... nesta casa!...

CLARISSE

Tem razão em surpreender-se. Insinua talvez que eu devia medir as conveniências... Que quer... Sigo os seus exemplos...

JORGE

convidando-a a sentar

Sempre mordaz... Mas... Não posso supor a que deva a honra de...

CLARISSE

Estranho. Desde que as suas imprudências se sucedem, era natural que me esperasse. Não lamenta que lhe fuja? Pois bem. Aqui estou...

JORGE

E vem?...

CLARISSE

Pedir-lhe que me esqueça, que apague o meu nome da sua memória. Bem bastam os reparos que tem provocado com o seu procedimento, a situação aparentemente duvidosa em que me colocaram os seus excessos.

JORGE

Trata-se então dum desagravo?

CLARISSE

Antes. Dum pacto.

JORGE

Proponha.

Outro tom

Mas, primeiramente, uma coisa: vem por si, ou tem constituinte?

Num gesto diplomático

As credenciais?...

CLARISSE

Sou parte no pleito.

JORGE

um pouco irónico

Ah! Julguei que trazia plenos poderes do preconceito para intimar despejo à minha alma. Enganei-me... Queira perdoar...

CLARISSE

Não seja cínico, Jorge, Acabemos a farsada. O senhor é suficientemente gentil-homem para deixar de perseguir-me.

JORGE

formalizado

Mas... Eu creio que não houve agressão... A minha atitude perante a Clarisse foi sempre de súplica... sempre de humildade...

CLARISSE

quase com paixão

A humildade também pode ser violência. E a súplica...

Semi-êxtase

Se há súplicas que dificilmente se recusam...

JORGE

alvorotado

Quer dizer que me ama?...

CLARISSE

Não. Que o lastimo.

JORGE

amargamente

Ah!... O seu dó...

CLARISSE

É sincero, é muito grande, o meu dó... Tão grande quanto devia sê-lo o que dar-lhe não posso...

JORGE

Odeie-me antes. O ódio é também um forte sentimento...

CLARISSE

funda comoção

Odiá-lo?!... Mas não posso... não posso... Devo-lhe tanto... Tanto prazer...

Emendando

Sim... o prazer do sofrimento... a alegria de expiar as minhas culpas na crítica situação em que me vejo por sua causa. Porque, — sabe? — eu gosto às vezes que me pisem... que me magoem... É um capricho... uma doença... Mas não me interrogue. Sobretudo, nada deduza da minha fraqueza. Isto passa... É do momento... talvez desta luz velada que nos cerca...

Olha em redor

Tem um ar de cenóbio, o seu gabinete... Como esta claridade mortiça me penetra... me faz mal... Como o Goethe, eu pediria mais luz, mas, desta vez, luz de realidade...

Jorge dirige-se ao comutador. Toda a cena se inunda de luz. Num místico transporte

Assim... A luz canta nos meus olhos... A luz faz-me bem...

Outro tom, ainda abstracta

E agora... Sim... Que há -de fazer agora?...

Pausa

Ah?... Prometer que me esquece, que não me diz mais essas coisas de amor...

JORGE

Esquecê-la!...

CLARISSE

Pois não poderá ser forte ao menos uma vez?

JORGE

como se a não tivesse ouvido

... Amordaçar o coração para que não ouse amá-la, exigi-la, adorá-la como a uma santa...

CLARISSE

sempre comovida

Por Deus, não exagere. Uma santa... Adorar-me como a uma santa!...

Enérgica

Não pode ser, Jorge. Seria uma loucura!...

JORGE

inabalável

No entanto sê-lo-á.

CLARISSE

Por si... por mim... pelo nosso...

Receando revelar-se

Sim... pelo seu amor... deixe-me!... Não me prenda... Eu sou doutro...

JORGE

O outro!... Que me importam os outros!...

CLARISSE

Eu é que não devo... Dei-me. Eu não sou minha, Jorge...

JORGE

Serene. Leio em si tudo quanto tenta esconder-me. A senhora é escrava da sociedade.

Insinuante

Confesse: Ama-me um pouco...

CLARISSE

Sou simplesmente sua amiga... Serei a sua irmã...

JORGE

Não basta.

CLARISSE

Que mais quer?!

Lastima

Ah! Adivinho. Quer a minha desonra...

JORGE

A sua felicidade.

CLARISSE

Então para quê violentar-me? Para quê desviar-me do caminho do meu dever?

JORGE

Não. O que pretendo é trazê-la à única estrada aberta para os seus passos de promessa, levá-la comigo para um amor onde o seu peito perenemente estremeça de prazer. A Clarisse perdeu-se como os cegos sem guia. Embrenharam-na numa vereda tortuosa. Os seus pés vão sangrentos do silvedo. Dou-lhe a minha mão, — recusa. Ofereço-lhe o meu bastão de peregrino, — afasta-o. Agora pergunto a mim mesmo: Cumpre-me abandoná-la, ou, esgotados todos os meios suasórios, assistir-me-á o direito de obrigá-la a seguir-me?

CLARISSE

repreensiva

Jorge!

JORGE

implorativo

Não me mate... Eu tenho direito à vida... Antes que parta, um ramo de esperança verdesça ao menos a minha agrura de relegado...

CLARISSE

Se o fizer brotar de si mesmo...

JORGE

sol da sua palavra escondeu-se... O ramo será mirrado sem o seu calor...

O

CLARISSE

Eu sinto frio... Eu sou de gelo...

JORGE

Reanimar-se-á. Dentro em mim há vulcões enormes, um Vesúvio todo...

Aproximando-se

Venha até mim. Verá como aquece, como toda se incendeia de amor...

CLARISSE

Oh! Cale-se! Não posso... não quero ouvi-lo!...

JORGE

aproximando-se mais

Lembra-se daquela noite em que lhe disse a minha paixão inteira?

CLARISSE

como num sonho

Lembro...

JORGE

evocador

Havia muita luz como agora... A música escorria-nos na alma, doridamente... Então a Clarisse era mais minha... Sentia-a bem, nas longas voltas da dança. Agora foge... Agora é a miragem...

Tenta enlaçá-la.

CLARISSE

furtando-se-lhe

Não! Não! Eu sou doutro... Eu não sou minha...

Quase revoltada

Mas... Não tem o direito de me afligir, de me torturar assim pensadamente.
Deixe-me, senhor!

JORGE

quase de joelhos

Por piedade... Por misericórdia...

CLARISSE

como que falando consigo mesma

Eu tenho medo... Sucumbo... Não posso... As suas palavras escaldam-me...

Numa súplica, muito terna

Tenha compaixão de mim...

JORGE

reatando

Aquela noite... Não posso esquecê-la, creia.

Olhando a janela do F.

Como o luar há-de ir lindo!... Então não havia mais que o luar dos seus olhos...
Hoje a natureza compartilha.

Vai ao comutador. A cena vela-se de novo.

A natureza enlutarou-se de ansiedade.

CLARISSE

como a retê-lo

Não... Faz-me doente... A penumbra entristece... Acabemos.

JORGE

solene

É a coda do Amor na luz de Sonho e de Incerteza... É o luar que vai lindo...

Conduzindo-a vagarosamente à janela.

Veja...

CLARISSE

à janela, olhando, num brando delírio

A Lua traz um halo...

JORGE

É como a minha agonia...

CLARISSE

Nuvens empanam as estrelas...

JORGE

É a sua recusa a afastar os meus desejos...

Dirige-se à secretária e tira, pouco a pouco, as violetas da faiança.

Quer violetas?...

Dando-as.

Tome...

Clarisse compõe um ramo.

O meu peito é também um canteiro assim roxo... Quando o seu seio as crestar, eu terei morrido... Sim... Deve ser...

CLARISSE

Quero que viva...

JORGE

Para quê?... Para que me agoira esse tormento, se me foge?...

Procuram-se, num enleio muito doce, supremo, de despedida. Perto, ouve-se uma valsa, ao piano.

CLARISSE

sobressaltada

Quem toca nesta casa?!

JORGE

Aqui, não. Talvez o velho Mozart meu vizinho. Um pianista obscuro e de génio...

CLARISSE

A coincidência das coisas...

JORGE

Todavia a fatalidade separa-nos...

CLARISSE

decidindo-se a sair

Tem razão. Esquecera-me do fim da minha visita.

JORGE

Pois já?...

CLARISSE

Sim. É forçoso. Não queira prolongar a série das inconveniências.

JORGE

resignado

Seja! cumpram-se os fados...

CLARISSE

E não me queira mal. Serei a sua irmãzinha mais velha... a sua amiguinha...

JORGE

Então... Nunca mais?...

CLARISSE

como num eco

Nunca mais!...

Pausa

Adeus, senhor Jorge...

JORGE

muito comovido

Clarisse...

CLARISSE

Tenha coragem... As violetas talvez não murchem... Regá-las-ei com o meu pranto...

JORGE

As suas lágrimas queimam...

CLARISSE

Mas... Porque acordou tão tarde?...

JORGE

E porque adormeceu tão cedo?...

CLARISSE

num desânimo

O irreduzível... O irreduzível sempre!...

Resolve-se a sair.

Adeus...

JORGE

como num eco

Adeus...

Clarisse sai. Jorge fica por momentos numa abstracção dolorosa. Luís aparece.

Tu!

LUÍS

Eu mesmo. E, como sempre, na missão cavalheirosa de defender as repudiadas. A tua pobre Laura vingá-se, assim, neste flagrante.

Outro tom.

Mas perdoas, não é verdade, meu amigo?

JORGE

alheado

Não te compreendo... Eu não sei o que tu dizes...

LUÍS

Se perdoas a espionagem?

JORGE

Perdoo. Eu não tenho segredos para ti...

LUÍS

lastimando-o

É ainda a pena de Talião, meu pobre Jorge... Quem com ferro mata...

O pano desce, rapidamente.